

MULHERES E A PERIFERIA: ANAS, GRAÇAS E FRANCISCAS ENVOL(VIDAS)

Sabrina Campos Costa¹
Camila Moura Alcântara²

O que representa... ser mulher e pesquisar mulheres? ser mulher e morar na periferia?

Para nós, pesquisadoras mulheres e antropólogas em formação, as cidades têm despertado interesse pela possibilidade de estudo das trocas materiais e simbólicas de pessoas, grupos e instituições que compõem esse campo. Por meio da Antropologia Urbana conseguimos “ir às cidades (ou, simplesmente, permanecer nelas)” (Hannerz 2015: 11) para compreensão de uma série de fenômenos sociais e culturais que possam ser examinados a partir da diversidade humana (Hannerz 2015). Entre diversas possibilidades de análise, destacamos territórios dentro da urbe de pessoas com características ribeirinhas urbanas (Rodrigues 2008) ou outras especificidades, nas chamadas periferias ou favelas.

Esses territórios são marcados pela privação e abandono e pela inexistência de políticas públicas efetivas, o que contribui para a proliferação de estereótipos negativos sobre o lugar. Exemplo disto são os casos de violências recorrentemente expostos pelas mídias locais, lhes atribuindo quase exclusivamente discursos e imaginários desses espaços enquanto “zonas vermelhas”. Contudo, identificamos que devido a essa situação, têm-se criado no interior desses territórios, mesmo com alguma dificuldade, uma rede modesta de instituições comunitárias que

¹ Bacharel em Turismo (UFPA), Gestão Empresarial (UNAMA) e Ciências Sociais (UNAMA), especialista em Planejamento e Marketing Turístico (UNAMA) e em Arqueologia (UFPA). Atualmente é mestranda em Antropologia com ênfase em Arqueologia UFPA/2017. Suas áreas de interesse são: Turismo, Patrimônio, Arqueologia e Antropologia Urbana.

² Bacharel em Turismo (UFPA), Especialista em Gestão Ambiental (UFPA), Mestra em Antropologia com ênfase em Antropologia Social (UFPA), Doutoranda em Antropologia com ênfase em Antropologia Social UFPA/2016. Suas áreas de interesse são: Antropologia, Museus, Memória, Identidade, Patrimônio e Turismo.

atendem às necessidades básicas dos sujeitos que habitam e transitam nesses lugares (Wacquant 2007). Portanto, nossa atenção enquanto pesquisadoras no campo das cidades recai sobre essas redes de relações e produção social do espaço que são implementadas dentro das periferias, de acordo com as necessidades de cada lugar.

Tomamos como campo de pesquisa duas áreas periféricas da capital paraense que, apesar das diferenças existentes, apresentam aspectos socioculturais semelhantes ao produzirem redes de relações em torno das potencialidades, identidades, memórias coletivas que se materializam nesses lugares. Referimo-nos assim ao *bairro da Cidade Velha*, circunscrito no Centro Histórico belenense, mas especificamente a *antiga zona portuária de Belém*, no entorno do Mercado do Guamá – popularmente conhecido por Mercado do Porto do Sal – que vem passando pelo impacto de profundas transformações resultantes da construção de novas vias de acesso à capital, como também a transferência de atividades de transporte fluvial de passageiros para terminais novos. E o *bairro da Terra Firme*, delimitado geograficamente pelo Rio Tucunduba e a Avenida Perimetral, onde estão localizados os principais centros de pesquisa com sede na capital, como a Universidade Federal do Pará, o Museu Paraense Emílio Goeldi e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

Tais lugares são marcados pelo processo migratório de mulheres e homens oriundos do interior do Pará, bem como de outros estados, especialmente do Maranhão, Piauí e Ceará. Eles fixam moradia nesses territórios com o interesse de buscar melhores oportunidades, especialmente no que diz respeito à educação, trabalho e renda, e, saúde. Portanto, acabam mirando nas redes de parentes, amigos e conterrâneos já existentes na capital, que lhes oportuniza abrigo e apoio, permitindo-lhes iniciar uma nova etapa de suas vidas ou simplesmente viabilizar seus objetivos por um período determinado de tempo.

Os territórios apresentados nesse texto são constituídos por ocupações espontâneas, de residências sem qualquer indício de planejamento. Trata-se de moradias populares localizadas em becos, passagens de difícil acesso, sujeitas a toda sorte de vulnerabilidades sociais e ambientais. As paisagens chamam à atenção por reunir aspectos do rural, do urbano e do estuário formando um corpo híbrido de construções; de atividades econômicas; de objetos, comodidades; de formas de diversão, canais de comunicação; dentre vários aspectos das redes de sociabilidade que são tecidas e mantidas no decorrer do processo de (re)existência nesses lugares.

Contudo, esse processo é visto como apropriação de espaços destinados a fins de interesse público. Isso fica claro no processo de ocupação que ocorreu no bairro da Terra Firme iniciado na década de 1970, em terras destinadas à UFPA. Do mesmo modo, a antiga zona portuária que representou por muito tempo o fluxo de pessoas e mercadorias, com a mudança do porto para outra área da cidade e o deslocamento do transporte de mercadorias tanto pelo Porto da Vila do Conde quanto por vias terrestres, o local começou a ser atravessado por novos significados, como o de moradia. Dessa maneira, esses lugares representam partes da cidade invisibilizadas pelo poder hegemônico, como também lhes é cerceado o protagonismo nas trocas sociais com o restante da sociedade belenense.

A pesquisa nesses espaços, sobretudo na nossa condição de mulheres, tem sido marcada por um convite constante ao enfrentamento. Apesar de vivenciarmos em nosso cotidiano³ lugares que, dentro da cidade de Belém ocupam posições parecidas com nossos campos de estudo, a necessidade de descobrir o novo, o lugar do outro, nos desperta os mais variados sentimentos: ansiedade, confiança, curiosidade e porque não dizer medo?

As cidades, como um todo, têm se tornado um lugar violento e pouco convidativo às mulheres: estar e permanecer nelas, sendo pesquisadoras ou não, soa desafiador a qualquer mulher. Portanto, a nossa escolha em produzir etnografias lançando mão da observação direta ou participante como parte dos métodos de pesquisa, se apresenta como um exercício contínuo de superação e confiança. Aprendemos ao longo dessas incursões em campo que adentrar um universo periférico é primeiramente desconstruir-se enquanto sujeito detentor de certos pensamentos, percepções e sensações de conforto e segurança pessoal. Exige-se desprendimento do ser *eu* para pôr-se ao encontro com a diversidade dos *outros*.

No entanto, esse exercício diário é percebido por nós como a prática da antropologia enquanto ciência social, sob o entendimento que é a ciência da alteridade. Posto que reconhecer o outro, em seus diferentes aspectos socioculturais, pode provocar em nós (eu) o auto reconhecimento. Da mesma maneira que pensamos e sentimos seus lugares de modo diferente, vencendo tabus e preconceitos de nós para com eles, e deles para conosco. Uma relação construída a partir da interação e convivência que nos permite identificar códigos culturais e éticos das comunidades estudadas, observando suas tensões, ritmos e modos de vida.

Outro ponto que gostaríamos de sinalizar nesse texto é a prevalência de um universo masculino no espaço público destas localidades, onde as mulheres são pouco vistas circulando pelas ruas; aparentando que seus domínios estejam nos pequenos comércios e nas atividades domésticas. Talvez seja possível dizer que a mulher se interpõe nos interstícios do espaço privado e do público, através dos entreolhares pelas janelas e varandas, tornando partes da rua em extensões das casas (jiraus, cozinhas, lavanderias), afirmando-se na paisagem em suas atividades cotidianas de lavar e estender as roupas, fazer as unhas, vigiar as crianças ou adquirir alimentos para as refeições. Pondo em questionamento nossas próprias lógicas de habitar e de vida doméstica.

No entanto, quando vencemos o espaço da rua e nos é permitido entrar nas casas das pessoas de maneira natural e amigável, muito de nossas observações anteriores são reanalisadas de maneira distinta da primeira impressão (Foote-Whyte 1980). Nesse sentido, nos deparamos com outro papel social da mulher que mora na periferia, ao conseguirmos, gradualmente, uma interação simbólica que nos permita identificar valores e aspirações das comunidades estudadas (Durham 1986). Isso muito se deve às coletas dos depoimentos, entrevistas com os sujeitos e análise de movimentos ou situações nas quais estivemos envolvidas (*Ibidem*).

Entendemos que a mulher da periferia tem um papel fundamental para a manutenção das redes de instituições comunitárias criadas para atendimento das necessidades locais, uma vez

³ Nossos lugares de pertença dentro da cidade são os bairros da Pedreira e do Guamá, semelhantes no processo de ocupação e muito próximos da realidade de invisibilidade em Belém.

que estão em posições de enfrentamento diante de um sistema masculinizado que oprime a mulher pobre – por muitas vezes negra – e as impede de buscar melhorias na qualidade de vida. Desse modo, elas se abraçam às oportunidades que lhes são dadas, sejam dentro ou fora do ambiente doméstico.

Tomamos como exemplos, o caminhar de Maria Francisca e Francisca Rosa da Terra Firme, conhecidas respectivamente como Chicon e Chiquinha, mulheres que integram desde os anos de 1970 a militância política do bairro, por meio da formação de centros comunitários, lugar ao qual atribuem a conquista de direitos. Da mesma maneira, Ana e Graça são importantes para a comunidade da antiga zona portuária de Belém, por apoiar ou participar, juntamente com seus filhos e com as outras crianças do lugar, de ações artístico-culturais, de atividades de educação popular ou de extensão da biblioteca comunitária implantada no Mercado do Guamá. Essas mulheres fazem parte de uma geração que necessitou quebrar barreiras, físicas e simbólicas, para conquistar a liberdade de padrões e garantir os direitos que atendam às necessidades da mulher contemporânea.

Além desses exemplos, temos as jovens mulheres das regiões periféricas, que mesmo com dificuldades conquistam espaços dentro e fora de suas comunidades. Podemos nos referir à Jéssica na Terra Firme, e porque não Marielle da Maré, no Rio de Janeiro? Essas jovens mulheres, com o acesso à educação de qualidade, em especial ao ensino superior, possibilitam em seus lugares de pertença uma (re)estruturação social a partir principalmente de movimentos artísticos que de uma maneira ou de outra despertam para os movimentos sociais. Ou podem, mesmo com pouco estudo, contudo através da resiliência e da criatividade, ver no empreendedorismo a oportunidade de empoderamento e mudança na sua condição social, tornando-se comerciantes, vendedoras ambulantes, prestadoras de serviços na área de estética, entre outros.

Essas mulheres reconhecem a potencialidade da cultura produzida pelos moradores das periferias, garantindo fruição à arte e afirmação ao seu grupo de pertença devido às redes de contatos que estabelecem além dos limites urbanos. Identificamos que essa possibilidade mexe com as estruturas operantes que manteve esses grupos sociais, por muito tempo, na condição de subalternidade. A maior mudança nesse sentido condiz com a autoestima do sujeito morador, que passou adquirir um sentimento de identidade coletiva com o lugar.

Portanto, percebemos que há nesses lugares uma reprodução cultural (Canclini 1988), onde sujeitos subalternizados (re)significam o modelo de cultura hegemônico, adaptando-o para satisfazer suas necessidades locais, sem intervenção do Estado. E as mulheres adquirem um papel fundamental para a produção dessa cultura própria e independente, fator este que acreditamos contribuir para o desconforto e inquietação das elites econômicas, políticas e sociais que operam nas cidades de todo país.

Então, esperamos que ao refletir sobre o nosso posicionamento em campo como mulheres e a identificação de pares em nossas pesquisas, possamos contribuir para as discussões sociopolíticas e culturais deste gênero em seus lugares de atuação. Os desafios que nos propomos a pontuar nesse texto são uma pequena amostra da complexidade que envolve as cidades, em

especial as brasileiras. Encontramos na urbe várias possibilidades de análise e compreensão devido à diversidade cultural e heterogeneidade social que são encontradas nesses espaços.

Desejamos, muito em breve, aprofundar essas discussões em nossas pesquisas que versam acerca das transformações da antiga zona portuária de Belém com o objetivo de entender seu processo de ocupação, assim como as organizações políticas por meio dos museus existentes no bairro da Terra Firme, presente em Belém do Pará, e mais 11 capitais brasileiras. Por fim, convidamos os leitores a treinarem seu olhar sobre os diferentes aspectos da urbe.

Referências

- Canclini, N. 1988. *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima: Ed. Roncagliolo. 375p.
- Durham, E. R. 1986. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas, in *A Aventura Antropológica*. Teoria e Pesquisa. Organizado por R. C. L. Cardoso, pp. 17-37. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hannerz, U. 2015. *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana*. Petrópolis: Vozes. 405p.
- Rodrigues, C. I. 2008. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA. 352p.
- Wacquant, L. 2007. *Urban Outcasts: A Comparative Sociology of Advanced Marginality*. 342p.